

UM DOS MELHORES *THRILLERS* DE SEMPRE  
**O FENÓMENO INTERNACIONAL**



# A CRIADA

Que segredos esconde uma porta trancada?

**FREIDA McFADDEN**

Dear Portuguese readers,  
Thank you so much for  
checking out The Housemaid!  
I hope you enjoy it!  
Best wishes from Boston,  
Freida McFadden

FREIDA McFADDEN

# A CRIADA

Tradução de  
Carla Ribeiro

alma  
dos  
livros

info@almadoslivros.pt  
www.almadoslivros.pt  
facebook.com/almadoslivrospt  
instagram.com/almadoslivros.pt  
tiktok.com/@almadoslivros  
twitter.com/almados\_livros  
linkedin.com/company/alma-dos-livros/  
© 2023 Direitos desta edição reservados  
para Alma dos Livros  
Copyright © Freida McFadden, 2022

Primeiramente publicado na Grã-Bretanha em 2022 por Storyfire Ltd, comercializado como Bookouture.

Título: *A Criada*

Título original: *The Housemaid*

Autora: Freida McFadden

Tradução: Carla Ribeiro

Revisão: André Carvalho

Paginação: Maria João Gomes

Design de capa: Lisa Horton

Arranjo de capa: Diana Jorge Trigo/Alma dos Livros

Imagens de capa: Shutterstock

Impressão e acabamento: Caflesa – Soluções Gráficas

Depósito legal: 515054/23

1.ª edição: junho de 2023

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada  
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão  
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções  
devidamente previstas na lei.

Este livro é uma obra de ficção.

Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares e acontecimentos  
são produto da imaginação do autor ou usados ficticiamente.

Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas,  
acontecimentos ou locais é mera coincidência.

# Prólogo

**S**e sair desta casa, será algemada.  
Devia ter fugido enquanto podia. Agora, a minha oportunidade desapareceu. Neste momento, os polícias estão na casa e descobriram o que está no andar de cima, não há volta atrás.

Estão a cerca de cinco segundos de me ler os meus direitos. Não sei muito bem por que não o fizeram ainda. Talvez esperem induzir-me a dizer-lhes algo que não devia.

Boa sorte com isso.

O polícia com o cabelo preto raiado de grisalho está sentado ao meu lado no sofá. Muda a posição do seu corpo entroncado sobre o cabedal italiano cor de caramelo queimado. Pergunto-me que tipo de sofá terá em sua casa. Não um, certamente, com um preço de cinco dígitos como este. Provavelmente será de uma cor foleira como *laranja*, coberto de pelo de animais de estimação e com mais do que um rasgão nas costuras. Pergunto-me se estará a pensar no sofá em sua casa e a desejar ter um como este.

Ou, mais provavelmente, está a pensar no cadáver no sótão.

– Vamos recapitular isto mais uma vez, então – diz o polícia, no seu sotaque de Nova Iorque. Disse-me há pouco o seu nome, mas voou-me da cabeça. Os polícias deviam usar crachás vermelho-vivo. De que outra forma havemos, possivelmente, de recordar os seus nomes numa situação de *stress* elevado? É um detetive, acho eu. – Quando encontrou o cadáver?

Hesito, perguntando-me se esta seria a altura certa para exigir um advogado. Não é suposto disponibilizarem-me um? Estou enferrujada quanto a este protocolo.

– Há cerca de uma hora – respondo.

– Por que foi lá acima em primeiro lugar?

Aperto os lábios.

– Já lhe disse. Ouvi um som.

– E...?

O agente inclina-se para a frente, de olhos arregalados. A sombra áspera de uma barba cobre-lhe o queixo, como se tivesse esquecido de se barbear esta manhã. A sua língua projeta-se ligeiramente de entre os lábios. Não sou estúpida – sei exatamente o que quer que eu diga.

*Fui eu. Sou culpada. Levem-me.*

Em vez disso, recosto-me no sofá.

– É tudo. É só isso que eu sei.

A desilusão inunda o rosto do detetive. Move o maxilar enquanto pensa nas provas encontradas até ao momento nesta casa. Pergunta-se se já tem o suficiente para me pôr as algemas nos pulsos. Não tem a certeza. Se tivesse, já o teria feito.

– Ei, Connors!

É a voz de outro agente. Quebramos o contacto visual e eu olho para o cimo das escadas. O outro polícia, muito mais novo, está lá plantado, os longos dedos agarrados ao topo do corrimão. O seu rosto liso está pálido.

– Connors – diz o agente mais novo. – Tem de vir cá acima. *Já*. Tem de ver o que há aqui em cima – mesmo do fundo das escadas, consigo ver o oscilar da sua maçã-de-adão. – Não vai acreditar.

# PRIMEIRA PARTE

TRÊS MESES ANTES

## MILLIE

Fale-me sobre si, Millie.

Nina Winchester inclina-se para a frente no seu sofá de cabedal cor de caramelo, as pernas cruzadas para revelar apenas o mais ligeiro vislumbre dos seus joelhos a espreitar da sua sedosa saia branca. Não percebo muito de marcas, mas é óbvio que tudo o que Nina Winchester tem vestido é dolorosamente caro. A sua blusa creme faz-me desejar estender a mão para sentir o tecido, ainda que um ato desses significasse não ter qualquer hipótese de ser contratada.

Para dizer a verdade, não tenho hipóteses de ser contratada seja como for.

– Bem... – começo, escolhendo cuidadosamente as palavras. Mesmo após todas as rejeições, continuo a tentar. – Cresci em Brooklyn. Tive muitos trabalhos a fazer tarefas domésticas para as pessoas, como pode ver pelo meu currículo – o meu *cuidadosamente adulterado* currículo. – E adoro crianças. E também... – olho em redor da sala, à procura de um brinquedo de roer de um cão ou de uma caixa de areia de um gato. – Também adoro animais?

O anúncio *online* para o lugar de empregada doméstica não referia animais de estimação. Mas mais vale jogar pelo seguro. Quem não aprecia uma amante de animais?

– Brooklyn! – a Sra. Winchester sorri – Eu também cresci em Brooklyn. Somos praticamente vizinhas!

– Sim! – confirmo, ainda que nada pudesse andar mais longe da verdade. Há muitos bairros cobiçados em Brooklyn onde uma vivenda minúscula custa um braço e uma perna. Não foi aí que eu cresci. Nina Winchester e eu não poderíamos ser mais diferentes, mas se ela quer acreditar que somos vizinhas, então tenho todo o gosto em alinhar.

A Sra. Winchester enfia uma madeixa de brilhante cabelo louro-acastanhado

atrás da orelha. Os seus cabelos chegam-lhe à altura do maxilar, num corte moderno que disfarça o seu duplo queixo. Tem trinta e muitos anos e, com um penteado diferente e outras roupas, teria um aspeto muito banal. Mas utilizou a sua considerável fortuna para tirar o máximo partido do que tem. Não posso dizer que não respeite isso.

Eu segui o sentido exatamente oposto com a minha aparência. Posso ser mais de dez anos mais nova do que a mulher sentada à minha frente, mas não quero que se sinta de todo ameaçada por mim. Assim, para a minha entrevista, escolhi uma longa e grossa saia de lã que comprei na loja de artigos em segunda mão e uma blusa branca de poliéster com mangas em balão. O meu cabelo louro-escuro está apanhado num coque severo atrás da cabeça. Comprei, até, um par de desnecessários e demasiado grandes óculos de tartaruga, que tenho empoleirados na ponta do nariz. Pareço profissional e absolutamente nada atraente.

– Quanto ao trabalho – diz –, será sobretudo limpar e cozinhar algumas refeições ligeiras, se for capaz. É boa cozinheira, Millie?

– Sou, sim – o meu à-vontade na cozinha é a única coisa no meu currículo que não é mentira. – Sou uma excelente cozinheira.

Os seus claros olhos azuis iluminam-se.

– Isso é maravilhoso! Sinceramente, quase nunca fazemos uma boa refeição caseira – solta uma risadinha. – Quem tem tempo para isso?

Reprimo qualquer tipo de resposta crítica. Nina Winchester não trabalha, só tem uma filha, que está o dia inteiro na escola, e vai contratar alguém para fazer todas as suas limpezas por ela. Até vi um homem no enorme pátio da frente a fazer a sua jardinagem por ela. Como é possível que não tenha tempo para preparar uma refeição à sua pequena família?

Não devia julgá-la. Não sei nada sobre a sua vida. Só porque é rica, não quer dizer que seja mimada.

Mas se tivesse de apostar cem dólares numa das opções, apostaria que Nina Winchester foi estragada com mimos.

– E vamos também precisar de ajuda ocasional com a Cecelia – diz a Sra. Winchester. – Talvez levá-la às aulas da tarde ou aos seus encontros com as amigas. Tem carro, não tem?

A pergunta quase me dá vontade de rir. Sim, tenho carro – é *tudo* o que tenho neste momento. O meu *Nissan* de dez anos está a empestar a rua em frente à sua casa e é onde atualmente vivo. Tudo o que possuo está na mala desse carro.

Passei o último mês a dormir no banco de trás.

Ao fim de um mês a viver num carro, damo-nos conta da importância de algumas das pequenas coisas da vida. Uma sanita. Um lavatório. Poder esticar as pernas enquanto dormimos. É dessa última que mais sinto a falta.

– Sim, tenho carro – confirmo.

– Excelente! – a Sra. Winchester bate palmas. – Fornecer-lhe-ei uma cadeira de automóvel para a Cecelia, claro. Só precisa de um assento. Ainda não tem bem a altura e o peso certos para passar sem ele. A Academia de Pediatria recomenda...

Enquanto Nina Winchester fala monotonamente sobre os requisitos exatos de altura e peso para as cadeiras de automóveis, eu tiro um momento para observar a sala de estar. A mobília é toda ultramoderna, com a maior televisão de ecrã plano que eu já vi, certamente de alta definição e com colunas de som *surround* incorporadas em todos os cantos da sala para uma experiência ideal de escuta. Num dos cantos está o que parece ser uma lareira funcional, com a cornija coberta de fotografias dos Winchester em viagens a todos os cantos do mundo. Quando ergo o olhar, o teto absurdamente alto brilha sob a luz de um resplandecente candelabro.

– Não lhe parece, Millie? – diz a Sra. Winchester.

Pisco-lhe os olhos. Tento puxar a memória atrás e perceber o que acabou de me perguntar. Mas desapareceu.

– Sim? – respondo.

Seja o que for que acabei de concordar deixou-a muito feliz.

– Fico *tão* satisfeita por também pensar assim.

– Sem dúvida – digo, desta vez de forma mais firme.

Ela descruza e volta a cruzar as suas pernas algo entroncadas.

– E, claro – acrescenta –, há a questão da sua remuneração. Viu a oferta no meu anúncio, certo? É aceitável para si?

Engulo em seco. O número no anúncio é mais do que aceitável. Se eu fosse uma personagem de desenhos animados, ter-me-iam aparecido cifrões em ambos os globos oculares ao ler aquele anúncio. Mas o dinheiro quase me impediu de me candidatar ao emprego. Ninguém a oferecer assim tanto dinheiro, a viver numa casa destas, alguma vez pensaria em contratar-me.

– Sim – consigo responder. – Está ótimo.

Ela arqueia uma sobrancelha.

– E sabe que é um trabalho em regime interno, certo?

Estará a perguntar-me se não me importo de deixar o esplendor do banco de trás do meu *Nissan*?

– Certo. Eu sei.

– Fabuloso! – puxando a bainha da saia, levanta-se. – Gostaria de fazer uma visita guiada, então? Para ver no que se está a meter?

Levanto-me também. Com os seus saltos altos, a Sra. Winchester ultrapassa-me nos meus sapatos rasos em apenas alguns centímetros, mas parece muito mais alta.

– Parece-me ótimo!

Guia-me pela casa com meticoloso pormenor, ao ponto de me fazer recear ter entendido mal o anúncio e que talvez ela seja uma agente imobiliária a pensar que eu estou pronta para a comprar. É *realmente* uma bela casa. Se tivesse quatro ou cinco milhões de dólares a abrir-me um buraco no bolso, agarrá-la-ia. Além do piso térreo, com a gigantesca sala de estar e a recém-remodelada cozinha, o primeiro andar da casa inclui o quarto principal dos Winchester, o quarto da filha de ambos, Cecelia, o escritório doméstico do Sr. Winchester e um quarto de hóspedes que bem podia ter saído do melhor hotel de Manhattan. Ela para dramaticamente diante da porta seguinte.

– E aqui... – anuncia, escancarando a porta. – É o nosso cinema em casa!

É um verdadeiro cinema *mesmo dentro de casa* – além da enorme televisão no andar de baixo. Esta sala tem várias filas de cadeiras em anfiteatro, voltadas para um monitor do chão ao teto. Há, até, uma máquina para fazer pipocas a um canto do espaço.

Ao fim de um momento, percebo que a Sra. Winchester está a olhar para mim, à espera de uma reação.

– Uau! – digo, com o que espero tenha sido o entusiasmo adequado.

– Não é maravilhoso? – ela estremece de prazer. – E temos todo um acervo de filmes de onde escolher. Claro que também temos todos os canais habituais, bem como serviços de *streaming*.

– Claro – respondo.

Depois de sairmos da sala, chegamos a uma última porta ao fundo do corredor. Nina hesita, a mão a demorar-se no puxador.

– Seria este o meu quarto? – pergunto.

– Mais ou menos... – roda o puxador, que range ruidosamente. Não posso deixar de reparar que a madeira desta porta é muito mais grossa do que a de qualquer das outras. Atrás do umbral, está uma escadaria escura.

– O seu quarto é lá em cima. Também temos um sótão acabado.

Esta escadaria estreita e escura é um pouco menos glamorosa do que o resto da casa – e matá-los-ia pôr uma lâmpada aqui em cima? Mas, claro, sou a criada. Não esperaria que gastasse tanto dinheiro no meu quarto quanto no cinema em casa.

Ao cimo das escadas está um pequeno corredor estreito. Ao contrário de no primeiro andar, o teto aqui é perigosamente baixo. Não sou alta, mas quase sinto que preciso de me curvar.

– Tem a sua própria casa de banho – diz ela, apontando para a porta da esquerda. – E este aqui seria o seu quarto.

Abre a última porta. Está completamente escuro no interior até que ela puxa um fio e o quarto se ilumina.

É um quarto minúsculo. Não há outra forma de o dizer. E não só isso, o teto inclina-se com o telhado da casa. O lado mais afastado apenas chega sensivelmente à minha cintura. Em vez da enorme cama de casal do quarto principal dos Winchester, com o seu roupeiro e o seu toucador castanho, este quarto contém uma cama de solteiro, uma estante de meia altura e uma pequena cómoda, iluminadas por duas lâmpadas nuas suspensas.

É um quarto modesto, mas por mim tudo bem. Se fosse *demasiado* agradável, seria uma certeza não ter qualquer hipótese em conseguir este emprego. O quarto ser uma porcaria significa que talvez os seus padrões sejam suficientemente baixos para eu ter uma pequena, muito pequena, hipótese.

Mas há algo mais neste quarto. Algo que me incomoda.

– Desculpe ser pequeno – diz a Sra. Winchester, franzindo o sobrolho. – Mas terá muita privacidade aqui.

Dirijo-me à única janela. Tal como o quarto, é pequena. Pouco maior do que a minha mão. E tem vista para o jardim das traseiras. Está um jardineiro lá em baixo – o mesmo tipo que vi à entrada – a podar uma das sebes com uma tesoura enorme.

– O que lhe parece, então, Millie? Gosta?

Viro costas à janela e encaro o rosto sorridente da Sra. Winchester. Ainda não consigo perceber ao certo o que me incomoda. Há algo neste quarto que faz com que uma pequena bola de temor se forme na boca do meu estômago.

Talvez seja a janela. Dá para as traseiras da casa. Se estivesse em apuros e a tentar chamar a atenção de alguém, ninguém me conseguiria ver aqui atrás. Podia berrar e gritar tanto quanto quisesse e ninguém me ouviria.

Mas quem estou eu a enganar? Seria uma sorte viver neste quarto. Com a minha própria casa de banho e uma verdadeira cama onde poderia esticar as pernas totalmente. Aquela pequena cama parece tão boa em comparação com o meu carro que seria capaz de chorar.

– É perfeito – respondo.

A Sra. Winchester parece extática com a minha resposta. Guia-me novamente pela escadaria escura até ao primeiro andar da casa e, ao sair, solto um fôlego que não sabia que tinha estado a sustentar. Havia algo de muito assustador naquele quarto, mas se, de alguma forma, conseguir ficar com este emprego, ultrapassá-lo-ei. Facilmente.

Os meus ombros relaxam por fim e os meus lábios estão a formar outra pergunta quando oiço uma voz atrás de nós:

– Mamã?

Paro bruscamente e viro-me para ver uma menina atrás de nós no corredor. Tem os mesmos olhos azul-pálidos de Nina Winchester, só que alguns tons mais claros, e um cabelo tão louro que é quase branco. A menina usa um vestido azul muito claro debruado a renda branca. E fita-me como se conseguisse ver através de mim. Até à minha *alma*.

Sabem aqueles filmes sobre o culto assustador de, tipo, miúdos arrepiantes que conseguem ler pensamentos e adoram o Diabo e vivem nos campos de milho ou assim? Bem, se estivessem a escolher atores para um desses filmes, esta rapariga conseguiria o papel. Nem teriam de lhe fazer uma audição. Olhariam para ela e diriam: *Sim, vais ser a rapariga arrepiante número três.*

– Cece! – exclama a Sra. Winchester. – Já voltaste da tua aula de *ballet*?

A menina anui lentamente.

– A mãe da Bella trouxe-me.

A Sra. Winchester envolve os ombros magros da menina com os braços, mas a expressão da criança nunca se altera e os seus claros olhos azuis nunca deixam o meu rosto. Haverá algum problema comigo, para ter medo de que esta menina de nove anos me vá assassinar?

– Esta é a Millie – diz a Sra. Winchester à sua filha. – Millie, esta é a minha filha, Cecelia.

Os olhos da pequena Cecelia são duas pequenas poças do oceano.

– Prazer em conhecê-la, Millie – diz ela educadamente.

Diria que há pelo menos vinte e cinco por cento de probabilidades de me assassinar durante o sono se eu conseguir este emprego. Mas quero-o na mesma.

A Sra. Winchester deposita um beijo no alto da cabeça loura da sua filha e a menina parte a toda a pressa para o seu quarto. Tem certamente uma sinistra casa de bonecas lá dentro, que ganham vida à noite. Talvez seja uma das bonecas que me vai matar.

Certo, estou a ser ridícula. Provavelmente, aquela menina é extremamente doce. Não tem culpa de que lhe tenham vestido um arrepiante traje de criança fantasma vitoriana. E eu adoro miúdos, em geral. Não que tenha interagido muito com eles na última década.

Assim que regressamos ao piso térreo, a tensão deixa o meu corpo. A Sra. Winchester é simpática e suficientemente normal – para uma senhora assim tão rica – e, enquanto tagarela sobre a casa e a sua filha e o emprego, eu oiço-a apenas vagamente. Tudo o que sei é que este será um local encantador para trabalhar. Daria o meu braço direito para conseguir este emprego.

– Tem alguma pergunta, Millie? – pergunta-me.

Abano a cabeça.

– Não, senhora Winchester.

Ela faz estalar a língua.

– Por favor, trate-me por Nina. Se vai trabalhar aqui, sentir-me-ia tão tola consigo a tratar-me por *senhora Winchester* – ri. – Como se eu fosse uma velhota rica.

– Obrigada... Nina – digo-lhe.

O seu rosto brilha, ainda que isso possa ser das algas ou da casca de pepino ou de seja lá o que for que os ricos aplicam aos rostos. Nina Winchester é o tipo de mulher que faz tratamentos regulares no *spa*.

– Tenho um bom pressentimento acerca disto, Millie. Tenho mesmo.

É difícil não me deixar contagiar pelo seu entusiasmo. É difícil não sentir uma centelha de esperança enquanto aperta a minha mão áspera na sua suave como a de um bebé. Quero acreditar que, nos próximos dias, irei receber uma chamada de Nina Winchester, a oferecer-me a oportunidade de trabalhar em sua casa e abandonar finalmente a Casa *Nissan*. Quero tanto acreditar nisso.

Mas, independentemente do que mais possa dizer sobre Nina, não é nenhuma idiota. Não vai contratar uma mulher para trabalhar e viver em sua casa e tomar conta da sua filha sem fazer uma simples verificação de antecedentes. E quando o fizer...

Engulo um nó na minha garganta.

Nina Winchester despede-se cordialmente de mim à porta da frente.

– Muito obrigada por ter vindo, Millie – estende a mão para apertar uma vez mais a minha nas suas. – Prometo-lhe que terá notícias minhas em breve.

Não terei. Será a última vez que ponho os pés nesta casa magnífica. Nunca devia ter vindo aqui em primeiro lugar. Devia ter-me candidatado a um emprego que tivesse reais hipóteses de conseguir, em vez de desperdiçar o tempo de ambas aqui. Talvez algo no setor da comida rápida.

O jardineiro que vi da janela do sótão está de volta ao relvado da frente. Ainda tem aquela tesoura gigante e está a moldar uma das sebes mesmo em frente à casa. É um tipo grande, com uma *T-shirt* que exhibe uns músculos impressionantes e mal esconde as tatuagens na parte superior dos seus braços. Ajeita o boné de basebol e os seus olhos muito negros erguem-se fugazmente da tesoura para encontrar os meus do outro lado do relvado.

Ergo a mão em cumprimento.

– Olá – digo.

O homem olha-me fixamente. Não diz olá. Não diz «pare de pisar as minhas flores». Limita-se a fitar-me.

– Prazer em conhecê-lo também – murmuro em surdina.

Saio pelo portão eletrónico de metal que cinge a propriedade e arrasto-me de regresso ao meu carro/casa. Olho para trás uma última vez, para o jardineiro no pátio, que continua a observar-me. Há algo na sua expressão que me causa um calafrio na espinha.

E, então, abana a cabeça de forma quase impercetível. Quase como se estivesse a tentar avisar-me.

Mas não diz uma única palavra.

Quando se vive num carro, há que manter as coisas simples. Não vamos receber grandes encontros, para começar. Nada de festas de vinho e queijo, nada de noites de póquer. E não faz mal, pois não há ninguém que eu queira ver. O maior problema é onde tomar um duche. Três dias após ter sido despejada do meu estúdio, três semanas depois de ser despedida do meu emprego, descobri uma área de serviço com chuveiros. Quase chorei de alegria ao vê-la. Sim, os chuveiros têm muito pouca privacidade e cheiram vagamente a dejetos humanos, mas, por essa altura, estava desesperada por me limpar.

Neste momento, estou a desfrutar do meu almoço no banco de trás do carro. É verdade que tenho um disco de aquecimento que posso ligar ao isqueiro para ocasiões especiais, mas como sobretudo sanduíches. Muitas, muitas sanduíches. Tenho uma geleira onde guardo as carnes frias e o queijo, e tenho pão branco – noventa e nove cêntimos no supermercado. E aperitivos, claro. Pacotes de batatas fritas. Bolachas salgadas com manteiga de amendoim. *Twinkies*. As opções pouco saudáveis são infinitas.

Hoje, estou a comer fiambre e queijo americano, com um pouco de maionese. A cada dentada que dou, tento não pensar no quanto estou farta de sanduíches.

Após ter empurrado metade da minha sanduíche para baixo, o meu telemóvel toca no bolso. Tenho um daqueles telemóveis de abrir pré-pagos que as pessoas só usam se forem cometer um crime ou então tiverem viajado quinze anos para trás no tempo. Mas preciso de um telemóvel e é só isto que posso pagar.

– Wilhelmina Calloway? – pergunta a voz seca de uma mulher do outro lado da linha.

Retraio-me ante o uso do meu nome completo. Wilhelmina era a mãe do meu pai, há muito falecida. Não sei que tipo de psicopatas poriam à filha o nome de Wilhelmina, mas já não falo com os meus pais (e, de igual modo, eles não falam comigo), por isso é um pouco tarde para perguntar. Em todo o caso, sempre fui

apenas Millie, e tento corrigir as pessoas o mais cedo possível. Mas dá-me a sensação de que, seja quem for que me está a ligar, não é alguém a quem vá tratar pelo primeiro nome num futuro próximo.

– Sim...?

– Senhora Calloway – diz a mulher. – Daqui fala Donna Stanton, do *Munch Burgers*.

Oh, certo. *Munch Burgers* – a gordurosa espelunca de comida rápida que me concedeu uma entrevista há poucos dias. Seria para virar hambúrgueres ou então operar a caixa registadora. Mas, se trabalhasse no duro, havia algumas oportunidades de progressão. E, melhor ainda, a oportunidade de ter dinheiro suficiente para deixar de viver no meu carro.

Claro que o emprego que eu realmente teria adorado era em casa dos Winchester. Mas passou uma semana inteira desde que me encontrei com Nina Winchester. É seguro dizer que não consegui o meu emprego de sonho.

– Queria só informá-la – continua a Sra. Stanton – de que a vaga no *Munch Burgers* já foi preenchida. Mas desejamos-lhe sorte na sua procura de emprego.

O fiambre e o queijo americano no meu estômago começam às voltas. Tinha lido *online* que o *Munch Burgers* não tinha práticas de contratação muito rigorosas. Mesmo que tivesse cadastro, poderia ter hipóteses. Foi a última entrevista que consegui marcar desde que a Sra. Winchester não me ligou de volta – e estou desesperada. Não posso comer nem mais uma sanduíche no carro. Simplesmente *não posso*.

– Senhora Stanton – atiro. – Perguntava-me só se não poderia contratar-me para algum outro local. Sou muito trabalhadora. Muito fiável. Faço sempre...

Paro de falar. Ela já desligou.

Aperto a minha sanduíche na mão direita enquanto seguro o telemóvel na esquerda. É inútil. Ninguém me quer contratar. Todos os potenciais empregadores olham para mim da mesma exata forma. Só quero começar de novo. Matar-me-ei a trabalhar, se for preciso. Farei o que for necessário.

Combato as lágrimas, embora não saiba por que me dou ao trabalho. Ninguém me verá a chorar no banco de trás do meu *Nissan*. Já não há ninguém que se importe comigo. Os meus pais lavaram as suas mãos de mim há mais de dez anos.

O meu telemóvel volta a tocar, arrancando-me à minha autocomiseração. Limpo os olhos com as costas da mão e primo o botão verde para atender a chamada.

– Estou? – crocito.

– Olá? Fala a Millie?

A voz soa-me vagamente familiar. Encosto o telemóvel ao ouvido, o meu coração a dar um salto.

– Sim...

– Daqui fala a Nina Winchester. Entrevistei-a na semana passada?

– Oh – mordo com força o meu lábio inferior. Por que está ela a ligar-me agora? Presumi que já tivesse contratado alguém e tivesse decidido não me informar. – Sim, claro.

– Portanto, se estiver interessada, teríamos o maior gosto em oferecer-lhe o emprego.

Sinto o sangue subir-me de tal modo à cabeça que quase fico tonta. *Teríamos o maior gosto em oferecer-lhe o emprego.* A sério? Era concebível que o *Munch Burgers* me pudesse contratar, mas parecia absolutamente impossível que uma mulher como Nina Winchester me pudesse convidar para sua casa. Para *viver*.

Será possível que não tenha verificado as minhas referências? Não tenha feito uma simples verificação de antecedentes? Talvez esteja simplesmente tão *ocupada* que nunca o fez. Talvez seja uma dessas mulheres que se orgulham dos seus instintos.

– Millie? Está aí?

Percebo que estive completamente silenciosa do meu lado da linha. Estou assim tão estupefacta.

– Sim. Estou aqui.

– E então, está interessada no emprego?

– Estou — tento não soar ridiculamente ansiosa. – De certeza que estou. Adoraria trabalhar para si.

– Trabalhar *comigo* – corrige Nina.

Solto um riso estrangulado.

– Certo. Claro.

– Quando pode começar, então?

– Hã, quando gostaria que eu começasse?

– O mais cedo possível! – invejo a gargalhada fácil de Nina, que soa tão diferente da minha. Se ao menos pudesse estalar os dedos e trocar de lugar com ela. – Temos pilhas de roupa a precisar de ser dobrada!

Engulo em seco.

– Que tal amanhã?

– Isso seria maravilhoso! Mas não precisa de tempo para arrumar as suas coisas?

Não quero dizer-lhe que tudo o que tenho está já na bagageira do meu carro.

– Sou rápida a fazer as malas.

Ela ri novamente.

– Adoro o seu espírito, Millie. Mal posso esperar para a ter a trabalhar aqui.

Enquanto eu e Nina trocamos pormenores sobre o dia de amanhã, pergunto-me se ela sentiria o mesmo em relação a mim se soubesse que passei os últimos dez anos da minha vida na prisão.

**N**a manhã seguinte, chego a casa dos Winchester depois de Nina já ter saído para levar a Cecelia à escola. Estaciono junto ao portão de metal que rodeia a propriedade. Nunca estivera numa casa protegida por um portão, e muito menos vivido numa. Mas este ostentoso bairro de Long Island parece apenas ter casas com portões. Atendendo a como é baixa a taxa de criminalidade por aqui, parece-me um exagero, mas quem sou eu para julgar? Mantendo-se todos os outros fatores, se pudesse escolher entre uma casa com portão ou uma sem portão, também eu escolheria a primeira.

No outro dia, o portão estava aberto quando cheguei, mas hoje está fechado. Trancado, aparentemente. Por um momento, fico ali parada, com os meus dois sacos de viagem aos pés, a tentar perceber como entrar. Não parece haver qualquer tipo de campainha ou intercomunicador. Mas aquele jardineiro está outra vez na propriedade, agachado na terra com uma pá na mão.

– Desculpe! – grito.

O homem lança-me um olhar por cima do ombro e recomeça a cavar. Muito simpático.

– Desculpe! – insisto de novo, suficientemente alto para que não me possa ignorar.

Desta vez, levanta-se muito, *muito* devagar. Não tem absolutamente nenhuma pressa ao atravessar vagarosamente o gigantesco relvado da frente até à entrada do portão. Tira as suas grossas luvas de borracha e arqueia as sobrancelhas na minha direção.

– Olá! – digo, tentando esconder a minha irritação. – Chamo-me Millie Calloway e é o meu primeiro dia de trabalho aqui. Estou só a tentar entrar porque a senhora Winchester está à minha espera.

Ele não diz nada. Do outro lado do jardim, só tinha reparado em como é grande – pelo menos uma cabeça mais alto do que eu, com bíceps do tamanho das minhas coxas –, mas, mais próxima, percebo que é realmente bastante

atraente. Parece rondar os meados dos trinta, com um espesso cabelo preto asa de corvo, húmido do esforço, pele morena e uma aparência toscamente agradável. Mas a sua característica mais marcante são os olhos. Tem uns olhos muito negros – tão escuros que não consigo distinguir a pupila da íris. Algo no seu olhar me faz dar um passo atrás.

– Então, hã, pode ajudar-me? – pergunto.

O homem abre finalmente a boca. Espero que me diga para desaparecer ou para lhe mostrar a minha identificação, mas, em vez disso, lança-se numa torrente de rápido italiano. Ou, pelo menos, acho que é italiano. Não posso dizer que saiba uma palavra do idioma, mas uma vez vi um filme italiano com legendas e soava mais ou menos assim.

– Oh – digo, quando termina o seu monólogo. – Então, hã... nada de inglês?

– Inglês? – repete, numa voz com um sotaque tão cerrado que a resposta é evidente. – Não. Nada de inglês.

Fantástico. Pigarreio, tentando descobrir a melhor forma de expressar o que preciso de lhe dizer.

– Então, eu... – aponto para o peito. – Vou trabalhar. Para a senhora Winchester – aponto para a casa. – E preciso... de entrar – aponto agora para a fechadura do portão. – *Entrar*.

Ele limita-se a franzir-me o sobrolho. Fantástico.

Estou prestes a agarrar no meu telemóvel e a ligar a Nina quando ele se desvia para o lado, prime uma espécie de interruptor e os portões se abrem, quase em câmara lenta.

Uma vez abertos os portões, tiro um momento para olhar para a casa que será o meu lar no futuro próximo. A casa tem dois andares, além do sótão, estendendo-se pelo que parece ser sensivelmente o tamanho de um quarteirão da cidade de Brooklyn.

É quase ofuscantemente branca – possivelmente pintada de fresco – e a arquitetura parece contemporânea, mas o que sei eu? Apenas sei que parece que as pessoas que aqui vivem têm tanto dinheiro que não sabem o que fazer com ele.

Vou buscar um dos meus sacos, mas, antes que possa fazê-lo, o sujeito agarra em ambos sem sequer gemer e leva-os por mim até à porta da frente. São sacos muito pesados – contêm literalmente tudo o que possuo, além do meu carro – por isso sinto-me grata por se ter oferecido para carregar o peso por mim.

– *Gracias* – digo-lhe.

Ele lança-me um olhar estranho. Hum, talvez isto tenha sido espanhol. Oh, bem.

Aponto para o meu peito.

– Millie – acrescento.

– Millie – acena em entendimento, apontando depois para o seu próprio peito. – Eu sou Enzo.

– Prazer em conhecer-te – digo desajeitadamente, apesar de não me entender. Mas, por Deus, se vive aqui e tem um emprego, deve ter aprendido um *pouco* de inglês.

– *Piacere di conoscerti* – responde.

Anuo em silêncio. Lá se vai a ideia de fazer amizade com o jardineiro.

– Millie – diz novamente, no seu denso sotaque italiano. Parece ter algo a dizer, mas está em dificuldades com a língua. – Tu...

Silva uma palavra em italiano, mas, assim que ouvimos a porta da frente começar a abrir-se, regressa apressadamente ao local onde estava agachado no jardim da frente e mostra-se muito atarefado. Mal consegui distinguir a palavra que disse. *Pericolo*. Seja o que for que isso signifique. Talvez queira um refrigerante. *Peri Cola – agora com um toque de lima!*

– Millie! – Nina parece encantada por me ver. Tão encantada que me envolve nos seus braços e me aperta num abraço. – Estou *tão* feliz por ter decidido aceitar o emprego. Senti simplesmente que tínhamos uma *ligação*. Sabe?

Era o que eu pensava. Tinha um «presentimento» sobre mim, por isso não se deu ao trabalho de fazer a investigação. Agora, tenho simplesmente de me certificar de que nunca terá qualquer razão para desconfiar de mim. Tenho de ser a empregada perfeita.

– Sim, sei o que quer dizer. Sinto o mesmo.

– Bem, entre!

Agarrando-me pela curva do cotovelo, Nina conduz-me ao interior da casa, completamente alheia a eu estar em dificuldades com as minhas duas malas. Não que eu estivesse à espera que me ajudasse. Nem lhe teria ocorrido tal coisa.

Não posso deixar de notar, ao entrar, que a casa está muito diferente da primeira vez que cá estive. *Muito* diferente. Quando vim para a entrevista, a casa dos Winchester estava imaculada – poderia ter comido de qualquer superfície da sala. Mas, agora, o local parece uma pocilga. A mesa de café diante do sofá tem seis chávenas em cima, com diferentes quantidades de diversos líquidos pegajosos no interior, cerca de uma dúzia de jornais e revistas

amarrotados e uma caixa de piza amolgada. Há roupas e lixo espalhados por toda a sala de estar e a mesa de jantar ainda contém os restos do jantar de ontem à noite.

– Como pode ver – diz Nina –, chegou mesmo a tempo!

Quer dizer então que a Nina Winchester é uma desmazelada – é *esse* o seu segredo. Vou levar horas a pôr este sítio em condições minimamente decentes. Talvez dias. Mas não faz mal – tenho estado desejosa de fazer algum trabalho honesto. E agrada-me que ela precise de mim. Se me conseguir tornar valiosa, será menos provável que me despeça se – ou quando – descobrir a verdade.

– Deixe-me só guardar as minhas malas – digo-lhe. – E depois arrumo a casa toda.

Nina solta um suspiro feliz.

– É um milagre, Millie. *Muito* obrigada. Além disso... – ergue a sua bolsa da bancada da cozinha e vasculha o interior, acabando por retirar lá de dentro o mais recente *iPhone*. – Comprei-lhe isto. Não pude deixar de reparar que usava um telemóvel muito antiquado. Se precisar de a contactar, gostaria que tivesse um meio de comunicação fiável.

Hesitante, fecho os dedos sobre o *iPhone* novinho em folha.

– Uau. É muito generoso da sua parte, mas não posso pagar um plano...

Ela sacode uma mão.

– Juntei-a ao nosso plano familiar. Não custou quase nada.

Quase nada? Tenho a sensação de que a sua definição dessas duas palavras é muito diferente da minha.

Antes que possa protestar mais, o som de passos ecoa nas escadas atrás de mim. Viro-me e um homem de fato cinzento vem a descer a escadaria. Ao verme de pé na sala de estar, para bruscamente ao fundo dos degraus, como se chocado com a minha presença. Os seus olhos arregalam-se ainda mais ao reparar na minha bagagem.

– Andy! – chama Nina. – Vem conhecer a Millie!

Deve ser o Andrew Winchester. Quando estava a pesquisar a família Winchester no *Google*, os meus olhos saltaram-me um pouco das órbitas ao ver o valor líquido deste homem. Depois de ter visto todos aqueles cifrões, o cinema em casa e o portão a rodear a propriedade fizeram um pouco mais de sentido. É um empresário, que assumiu o comando da próspera empresa do pai e duplicou os lucros desde então. Mas é óbvio, pela sua expressão surpreendida, que deixa que seja a mulher a lidar com a maioria das questões domésticas, e esta parece

ter-se esquecido por completo de lhe dizer que contratou uma empregada interna.

– Olá... – de sobrolho franzido, o Sr. Winchester entra na sala de estar. – Millie, é isso? Desculpe, não percebi...

– Andy, eu falei-te nela! – protesta Nina, inclinando a cabeça para o lado. – Disse-te que precisávamos de contratar alguém para ajudar nas limpezas e a cozinhar e com a Cecelia. Tenho a certeza de que te disse!

– Sim, bem – o seu rosto relaxa finalmente. – Bem-vinda, Millie. A ajuda é certamente útil.

Andrew Winchester estende-me a mão para eu apertar. É difícil não notar que é um homem incrivelmente atraente. Olhos castanhos penetrantes, uma densa cabeleira cor de mogno e uma covinha sensual no queixo. É também difícil não notar que é vários graus mais atraente do que a mulher, mesmo com o seu aprumo impecável, o que me parece um pouco estranho. O homem é podre de rico, afinal. Podia ter qualquer mulher que quisesse. Respeito-o por não escolher uma supermodelo de vinte anos para sua companheira de vida.

Guardo o meu telemóvel novo no bolso das calças de ganga e estendo o braço para lhe apertar a mão.

– Prazer em conhecê-lo, senhor Winchester.

– Por favor – sorri calorosamente. – Trate-me por Andrew.

Ao ouvi-lo dizer as palavras, algo atravessa o rosto de Nina Winchester. Os seus lábios torcem-se e os seus olhos semicerram-se. Mas não percebo muito bem porquê. Ela mesma ofereceu-se para me deixar tratá-la pelo primeiro nome. E não é como se Andrew Winchester me estivesse a tirar as medidas. Os seus olhos mantêm-se respeitosamente nos meus e não descem abaixo do pescoço. Não que haja muito para ver – apesar de não me ter dado ao trabalho de usar os falsos óculos de tartaruga hoje, visto uma blusa modesta e umas calças de ganga azuis confortáveis para o meu primeiro dia de trabalho.

– Enfim – corta Nina. – Não tens de ir para o escritório, Andy?

– Oh, sim – endireita a gravata cinzenta. – Tenho uma reunião às nove e meia na cidade. É melhor despachar-me.

Beija longamente os lábios de Nina e aperta-lhe o ombro. Tanto quanto posso ver, são um casal bastante feliz. E o Andrew parece bastante terra a terra para um homem cujo valor líquido tem oito algarismos a acompanhar o cifrão. É doce a forma como lhe sopra um beijo da porta da frente – este é um homem que ama a sua mulher.

– O seu marido parece simpático – digo a Nina, quando a porta se fecha.

A expressão sombria, desconfiada, regressa aos seus olhos.

– Acha que sim?

– Bem, sim – gaguejo. – Quer dizer, parece... Há quanto tempo são casados?

Nina observa-me, pensativa. Mas, em vez de responder à minha pergunta, indaga:

– O que aconteceu aos seus óculos?

– O quê?

Ela arqueia uma sobrancelha.

– Trazia uns óculos no dia da sua entrevista, não trazia?

– Oh – contorço-me, relutante em admitir que os óculos eram falsos, a minha tentativa de parecer mais inteligente e séria, e sim, menos atraente e ameaçadora. – Eu... hã, estou a usar lentes de contacto.

– Está?

Não sei por que menti. Devia apenas ter dito que não preciso assim tanto dos óculos. Em vez disso, insisti no erro e inventei agora umas lentes de contacto que não estou realmente a usar. Consigo sentir Nina a perscrutar-me as pupilas à procura delas.

– Há... há algum problema? – acabo por perguntar.

Um músculo contrai-se sob o seu olho direito. Por um momento, temo que me vá dizer que é melhor eu sair. Mas, então, o seu rosto relaxa.

– É claro que não! Achei só que esses óculos ficavam *tão* giros em si. Muito chamativos. Devia usá-los mais vezes.

– Sim, bem... – com a mão trémula, agarro na alça de um dos meus sacos de viagem. – Talvez devesse levar as minhas coisas lá para cima para poder começar.

Nina bate palmas.

– Excelente ideia!

Mais uma vez, não se oferece para levar nenhum dos meus sacos enquanto subimos os dois lanços de escadas até ao sótão. A meio do segundo lanço, sinto-me como se os meus braços estivessem prestes a cair, mas Nina não parece interessada em parar para me dar um momento para reajustar as alças. Arquejo de alívio ao poder largar os sacos no chão do meu novo quarto. Nina puxa o cordão para acender as duas lâmpadas que iluminam a minha minúscula habitação.

– Espero que esteja tudo bem – diz. – Calculei que preferisse ter a privacidade

de estar aqui em cima, bem como a sua própria casa de banho.

Talvez se sinta culpada por o seu enorme quarto de hóspedes estar vazio enquanto eu vou viver num quarto pouco maior do que um armário de vassouras. Mas não faz mal. Tudo o que seja maior do que o banco de trás do meu carro é como um palácio. Mal posso esperar para dormir aqui esta noite. Estou obscenamente grata.

– É perfeito – digo com sinceridade.

Além da cama, da cómoda e da estante, vejo uma outra coisa no quarto na qual não reparei da primeira vez. Um pequeno frigorífico, de cerca de trinta centímetros de altura. Está ligado à parede e a zumbir ritmicamente. Agachome e abro-o.

O frigorífico tem duas pequenas prateleiras. E, na prateleira de cima, estão três pequenas garrafas de água.

– Uma boa hidratação é muito importante – diz Nina, com seriedade.

– Sim...

Ao ver a expressão perplexa no meu rosto, sorri.

– Obviamente, o frigorífico é seu e pode guardar nele o que quiser. Pensei em dar-lhe um avanço.

– Obrigada – não é assim tão estranho. Algumas pessoas deixam rebuçados numa almofada. Nina deixou-me três pequenas garrafas de água.

– Enfim... – diz, limpando as mãos às coxas, apesar de estarem imaculadas. – Vou deixá-la desfazer as malas e depois começar a limpar a casa. Eu estarei a preparar-me para a minha reunião da APP amanhã.

– APP?

– Associação de Pais e Professores – sorri. – Sou a vice-presidente.

– Isso é maravilhoso – respondo, pois é o que quer ouvir. É muito fácil agradar Nina. – Vou só arrumar tudo num instante e começo já a trabalhar.

– Muito obrigada – os seus dedos tocam fugazmente o meu braço nu. Estão quentes e secos. – É uma salvadora, Millie. Estou tão feliz por a ter aqui.

Ponho a mão no puxador quando a Nina vai a sair do quarto. E é então que percebo. O que me tem vindo a incomodar neste quarto desde o primeiro momento em que aqui entrei. Uma sensação doentia invade-me.

– Nina?

– Hã?

– Por que... – pigarreio. – Por que está a fechadura deste quarto do lado de

*fora e não do de dentro?*

A Nina olha para o puxador, como que a reparar nisso pela primeira vez.

– Oh! Peço imensa desculpa por isso. Costumávamos utilizar este quarto como armário, pelo que obviamente queríamos que fechasse por fora. Mas então converti-o num quarto de governanta, e suponho que nunca trocámos a fechadura.

Se alguém quisesse, facilmente me poderia trancar aqui dentro. E só há aquela janela, com vista para as traseiras da casa. Este quarto poderia ser uma armadilha mortal.

Mas, por outro lado, por que haveria alguém de me querer trancar aqui dentro?

– Pode dar-me a chave do quarto? – peço.

Ela encolhe os ombros.

– Nem sei bem onde está.

– Gostaria de ter uma cópia.

Os seus olhos azul-claros semicerram-se em mim.

– Porquê? O que espera guardar no seu quarto que não quer que nós saibamos?

Fico boquiaberta.

– Eu... Nada, mas...

Nina atira a cabeça para trás e ri.

– Estou só a brincar. É o seu quarto, Millie! Se quer uma chave, eu arranjo-lhe uma. Prometo.

Às vezes, parece que Nina tem dupla personalidade. Passa tão depressa do quente ao frio. Diz que estava a brincar, mas eu não tenho assim tanta certeza. Não tem importância, ainda assim. Não tenho outras perspetivas e este emprego é uma bênção. Vou fazê-lo resultar. Não importa como. Vou fazer com que Nina Winchester me adore.

Depois de Nina sair do quarto, fecho a porta atrás dela. Gostaria de a trancar, mas não posso. Obviamente.

Ao fechar a porta, vejo marcas na madeira. Longas linhas finas que atravessam o comprimento da porta sensivelmente à altura do meu ombro. Passo os dedos pelas reentrâncias. Quase parecem...

Arranhões. Como se alguém tivesse estado a arranhar a porta.

A tentar sair.

Não, isso é ridículo. Estou a ser paranoica. Às vezes, a madeira velha risca-se.

Não quer dizer nada de ominoso.

De repente, o quarto parece insuportavelmente quente e abafado. Há uma pequena caldeira ao canto, que estou certa que o mantém confortável no inverno, mas não há nada para o arrefecer nos meses mais quentes. Terei de comprar uma ventoinha para pôr em frente à janela. Apesar de ser muito maior do que o meu carro, continua a ser um espaço muito pequeno – não me surpreende que o utilizassem como armário. Olho em volta, abrindo as gavetas para verificar o seu tamanho. Há um pequeno armário dentro do quarto, apenas com o espaço suficiente para pendurar os meus poucos vestidos. O armário está vazio, exceto por um par de cabides e um pequeno balde azul ao canto.

Tento abrir a pequena janela para obter um pouco de ar. Mas não cede. Semicerro os olhos para investigar mais de perto.

Passo o dedo ao longo do caixilho da janela. Parece ter sido colado ao local.

Apesar de ter uma janela, não abre.

Podia perguntar à Nina por isso, mas não quero dar a ideia de que me estou a queixar quando ainda hoje comecei a trabalhar aqui. Talvez na próxima semana o possa referir. Acho que não é pedir demasiado, ter uma janela funcional.

O jardineiro, Enzo, está agora no pátio das traseiras. Está a cortar a relva lá de trás. Para por um momento, para limpar o suor da testa com o seu antebraço musculado, e então ergue o olhar. Vê o meu rosto pela pequena janela e abana a cabeça, como da primeira vez que o vi. Lembro-me da palavra que me silvou em italiano antes de eu entrar na casa. *Pericolo*.

Tiro o meu telemóvel novinho em folha do bolso. O ecrã ganha vida ao meu toque, enchendo-se de pequenos ícones para mensagens de texto, chamadas e meteorologia. Este tipo de telemóvel não era comum no início da minha reclusão, e não tive meios para comprar um desde a minha saída. Mas algumas das raparigas tinham um nos centros de reabilitação para onde fui depois de sair, por isso sei mais ou menos como os utilizar. Sei qual dos ícones abre um navegador.

Na janela do navegador, escrevo *Traduzir pericolo*. O sinal deve ser fraco aqui no sótão, pois demora muito tempo. Passou já quase um minuto quando a tradução de *pericolo* aparece finalmente no ecrã do meu telemóvel:

Perigo.

Passo as sete horas seguintes a limpar. Nina não poderia ter deixado esta casa mais suja se tentasse. Todas as divisões estão imundas. A caixa de piza em cima da mesa de café ainda tem duas fatias dentro, e há algo pegajoso e fétido derramado no fundo. Vazou e a caixa está colada à mesa de café. Levo uma hora de demolha e trinta minutos de esfrega intensa para que tudo fique limpo.

A cozinha é o pior. Além de seja o que for que está no caixote do lixo propriamente dito, há dois sacos do lixo na cozinha, com o conteúdo a transbordar. Um dos sacos tem um rasgão no fundo, e quando o levanto para o levar para a rua, o lixo espalha-se por todo o lado. E o cheiro é para lá de terrível. Engasgo-me, mas não vomito o meu almoço.

Há pratos empilhados no lava-loiça, e pergunto-me por que Nina não os pôs simplesmente na sua máquina topo de gama, até que abro a máquina de lavar loiça e vejo que também está cheia até cima de pratos sujos. Aquela mulher *não* acredita em raspar os pratos antes de os pôr na máquina de lavar loiça. Nem, aparentemente, em pôr a máquina a *trabalhar*. Antes de terminar, faço três cargas de loiça. Lavo todas as panelas separadamente, na sua maioria cobertas de comida dos dias anteriores.

A meio da tarde, consegui devolver a cozinha a um estado pelo menos algo habitável. Estou orgulhosa de mim mesma. É o meu primeiro dia de trabalho árduo desde que fui despedida do bar (de forma completamente injusta, mas é assim a minha vida hoje em dia) e sinto-me lindamente em relação a isso. Tudo o que quero é continuar a trabalhar aqui. E talvez ter uma janela no meu quarto que se abra.

– Quem és tu?

Uma vizinha sobressalta-me quando estou a guardar a última carga de loiça. Viro-me – a Cecelia está de pé atrás de mim, os seus claros olhos azuis a olhar-me fixamente, com um vestido branco aos folhos que a faz parecer uma pequena

boneca. E por boneca, refiro-me, claro, à sinistra boneca falante de *A Quinta Dimensão* que assassina pessoas.

Nem sequer a vi entrar. E a Nina não está em lado algum. De onde veio ela sequer? Se esta for a parte do emprego em que descubro que, na verdade, a Cecelia está morta há dez anos e é um fantasma, despeço-me.

Bem, talvez não. Mas poderei pedir um aumento.

– Olá, Cecelia! – digo alegremente. – Sou a Millie. De agora em diante, vou trabalhar em tua casa, a fazer limpezas e a tomar conta de ti quando a tua mãe me pedir. Espero que possamos divertir-nos juntas.

A Cecelia pisca-me os seus olhos claros.

– Tenho fome.

Tenho de me lembrar de que é apenas uma menina normal que fica com fome e sede e rabugenta e usa a casa de banho.

– O que gostarias de comer?

– Não sei.

– Bem, de que tipo de coisas gostas?

– Não sei.

Cerro os dentes. A Cecelia transformou-se de rapariguinha arrepiante em rapariguinha irritante. Mas acabámos de nos conhecer. Estou certa de que, daqui a poucas semanas, seremos melhores amigas.

– Muito bem, vou só preparar-te um lanche, então.

Ela acena e sobe para um dos bancos instalados em redor da ilha da cozinha. Os seus olhos continuam a parecer trespassar-me – como se pudessem ler todos os meus segredos. Oxalá ela fosse para a sala de estar ver desenhos animados no seu televisor gigante em vez de se pôr apenas a... observar-me.

– Então, o que gostas de ver na televisão? – pergunto, esperando que perceba a deixa.

Ela franze o sobrolho como se eu a tivesse ofendido.

– Prefiro ler.

– Isso é fantástico! O que gostas de ler?

– Livros.

– Que tipo de livros?

– Do tipo com palavras.

Oh, então é assim que vai ser, Cecelia. Muito bem, se ela não quer falar de livros, posso mudar de assunto.

– Acabaste de voltar da escola? – pergunto-lhe.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Criada"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).